

O VALOR DA EXPERIÊNCIA PARA A APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE QUANTO A CONVERGÊNCIA ENTRE O CONCEITO DE PERSPECTIVA HUMEANO E A NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM

MARCUS GABRIEL NUNES QUINTANA¹;
JULIANO SANTOS DO CARMO²

¹ Universidade Federal de Pelotas – gabrielq678@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – juliano.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No experimento mental proposto por Frank Cameron Jackson “O que Mary não sabia?”. O autor faz uma suposição de uma pessoa (Mary) que encontra-se enclausurada em um quarto cujos estímulos sensoriais ao sentido da visão são limitados, restringindo o espectro de cor a tons de preto e branco. Entretanto, Mary é estimulada cognitivamente em outros aspectos de forma intensa, inclusive obtendo vasto conhecimento em diversas áreas do conhecimento. Não possuindo qualquer dificuldade de aprendizado, e presumidamente possuindo vasto conhecimento sobre o espectro de cores a reflexão da luz e fenômenos ópticos. (JACKSON, 1986, p.2)

O próprio autor posteriormente afirma que embora Mary detenha um conhecimento teórico acerca de tudo, ela não conhece efetivamente tudo em decorrência da ausência de experiências sensoriais e estímulos visuais quanto as cores, o que leva JACKSON a conclusão de que Mary não conhece o vermelho. “Parece, contudo, que Mary não conhece tudo o que há para conhecer. Pois quando a deixam sair do quarto preto e branco ou lhe dão uma televisão a cores, aprenderá, digamos, como é ver algo vermelho.” (JACKSON, 1986, p.3).

Conforme o entendimento neurocientífico, o conhecimento do mundo de um indivíduo não é o mundo em si, mas a sua interpretação do mundo, assim como, um artista elabora uma re-leitura de uma pintura consagrada que embora seja semelhante a original apresentará diferenças e característica próprias, o nosso cérebro interpreta o mundo através dos estímulos sensoriais. Os quais não são analisados em sua totalidade, pois o cérebro “não tenta produzir uma simulação perfeita do mundo” (EAGLEMAN, 2017, p.44) Tal simplificação do mundo se dá em decorrência do elevado custo energético para o seu funcionamento e processamento de informações (EAGLEMAN, 2017, p. 5).

Os neurônios se comunicam entre si por meio de milhares de prolongamentos denominados dendritos e axônios viabilizando incontáveis conexões neurais. A cada novo estímulo. Essa rede é formada em decorrência do fato de que “A cada novo estímulo, que gera um novo conhecimento, uma nova rede se forma conectando-se às antigas, sendo infinitas as possibilidades de formação de redes” (PANTANO, FERREIRA, 2009, p.13).

Entretanto a compreensão dos estímulos sensoriais que definem um objeto comprehende análises dos múltiplos aspectos desse objeto observado cujas características serão depreendidas pelos cinco sentidos e remetidas ao cérebro para análise dando origem a “um processo de aprendizagem contínuo que classifica, organiza, compara e integra os estímulos sensoriais em um único objeto” (PANTANO, FERREIRA, 2009, p.19).

Sendo assim, Mary não possuiria o conhecimento sobre o que é a cor vermelha enquanto estivesse enclausurada no quarto preto e branco, em

decorrência da ausência de estímulos sensoriais provenientes da visão da cor vermelha, ou seja a ausência de uma experiência com a cor vermelha, seu conhecimento teórico sobre as cores ou fenômenos ópticos não supriria a ausência da experiência, pois é trata-se de estímulo distinto proveniente de outro sentido sensorial.

HUME classifica as percepções do mundo em Impressões e idéias salientando como distinção entre ambas os “graus de força e vividez com que atingem a mente e penetram em nosso pensamento ou consciência” (HUME, 2009, p.25) Definindo as impressões como “sensações, paixões e emoções, em sua primeira aparição à alma.” (HUME, 2009, p.25) enquanto isso as ideias são meras recordações das impressões que possuímos. Ou seja, Mary não é capaz de ter impressões ou idéias acerca da cor vermelha. Pois o fato de jamais ter tido oportunidade de visualizar a cor vermelha a impede de deter a impressão da cor vermelha e consequentemente ideia, que por se tratar de uma recordação é mera derivação da impressão, acerca da cor vermelha. Nesse sentido, Hume esclarece a precedência das impressões as ideias:

impressões simples sempre antecedem suas ideias correspondentes, nunca aparecendo na ordem inversa. Para dar a uma criança uma ideia do escarlate ou do laranja, do doce ou do amargo, apresento-lhe os objetos, ou, em outras palavras transmito-lhe essas impressões; mas nunca faria o absurdo de tentar produzir as impressões excitando as ideias” (HUME, 2009, p. 28)

Ou seja, Hume de forma expressa declara a impossibilidade de Mary conhecer a cor vermelha a partir de seus conhecimentos teóricos quanto ao espectro de cores incluindo o vermelho, sendo imprescindível uma experiência visualizando a cor vermelha para efetivamente conhecê-la.

Outro aspecto a se considerar é no caso de Mary possuir uma incapacidade de visualizar a cor vermelha, ou até mesmo a incapacidade de enxergar. Nessas circunstâncias para Hume torna-se inviável que ela possua tanto impressões quanto ideias com relação a cor vermelha ou imagens, em decorrência da ausência de experiências sensoriais que a propiciariam tais conhecimentos. “O cego ou o surdo de nascença, perdem-se não apenas as impressões, mas também suas idéias correspondentes, de modo que jamais aparece na mente nenhum traço de umas ou de outras” (HUME, 2009, p. 29)

2. METODOLOGIA

Este estudo pretende desenvolver uma análise baseada no método indutivo tendo como ponto de partida para reflexão o experimento mental proposto por Frank Cameron Jackson “O que Mary não sabia?” que será analisado a luz da tese Humana das perspectivas (impressões e Ideias), desenvolvendo observações e ponderações respaldadas em estudos firmados pela neurociência da aprendizagem.

A pesquisa se desenvolveu por meio da leitura do experimento mental, da obra mestra de David Hume, bem como de estudos contemporâneos sobre neurociência da aprendizagem. Cabe ainda ressaltar a relevância das aulas da disciplina de neurociência da aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades no ensino fundamental ministrada pelo professor orientador no curso de pós graduação em ensino de filosofia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando as cores Hume exemplifica uma ocasião em que seria possível ter acesso a uma ideia sem a experiência correspondente entretanto considera tal possibilidade tão remota que sequer a considera uma exceção a regra de quetoda ideia é proveniente de uma experiência:

Suponhamos, assim, uma pessoa que tenha gozado de sua visão durante trinta anos e tenha-se familiarizado perfeitamente com todos os tipos de cores, exceto com uma única tonalidade de azul, por exemplo, a qual ela nunca teve a ocasião de encontrar. Imaginemos que todas as diferentes tonalidades dessa cor, excetuando-se apenas aquela, sejam dispostas à sua frente, em ordem gradualmente descendente, da mais escura à mais clara. É evidente que essa pessoa irá perceber um vazio no lugar onde falta a tonalidade, e será sensível à existência de uma maior distância entre as cores contíguas àquele espaço que entre quais quer outras. Pergunto, então se lhe é possível suprir tal deficiência por meio de sua própria imaginação produzindo para si mesma a ideia daquela tonalidade particular. (HUME, 2009, p.30)

O exemplo supra, não é o caso de Mary, entretanto por mais improvável que seja, RAMACHANDRAN apresenta outro exemplo em que há uma ideia sem que haja uma experiência. O caso é atribuído a um paciente denominado Spike que possui simultaneamente daltonismo e sinestesia número-cor. (RAMACHANDRAN, 2014, p. 94)

Spike tinha a variedade vermelho-verde. Ele experimentava um número muito menor de cores no mundo que a maioria de nós. Verdadeiramente esquisito, porém, era que ele muitas vezes via números tingidos com cores que nunca tinha visto no mundo real. Referia-se a elas, de maneira muito encantadora e apropriada, como “cores marcianas” que eram “estranhas” e pareciam completamente “irreais”. Só as podia ver quando olhava para números.

Isso ocorre, pois, a limitação do daltonismo é decorrente de um problema nos globos oculares, que enviam sinais e impressões distintas das normais, entretanto o cérebro, de Spike, é plenamente capaz de analisar e interpretar qualquer cor existente no espectro, e as limitações dos globos oculares não limitam a sinestesia número-cor, que propicia experiências de cores únicas para um daltônico.

Entretanto, em uma análise mais acurada é plausível considerar a adequação do caso de Spike a regra de Hume em que as ideias sempre precedem as impressões (HUME, 2009, p. 29), pois embora Spike não visualize as cores através dos seus globos oculares, desfrutando das experiências dessas tonalidades como os demais indivíduos ele tem a experiência dessas cores por meio dos números em decorrência de sua sinestesia, logo os números geram a impressão dessas cores para Spike. Em decorrência da ausência dessas cores no mundo real elas causam estranhamento a Spike que as atribui a denominação de “irreais”. Talvez da mesma forma que Spike é atingido por cores que fogem ao espectro de cores que divergem das limitações impostas pelo daltonismo, Mary seja atingida pelas cores distintas do espectro de preto e branco que foi submetida por longo período enquanto estava enclausurada no quarto, considerando tais cores irreais. (RAMACHANDRAN, 2014, p. 94)

4. CONCLUSÕES

Verifica-se as relevantes contribuições de David Hume, no século XVIII, realizou quanto ao valor indispensável da experiência para o aprendizado e consequentemente para a interpretação e compreensão do próprio mundo, pelo indivíduo. Especialmente suas concepções quanto a percepção, subdividida em impressões e ideias cujos conceitos estão intrinsecamente relacionados em decorrência das impressões estarem associadas as experiências vivenciadas enquanto as ideias tratam-se de recordações dessas experiências. Tais proposições Humeanas, atualmente, encontram respaldo em conceitos da neurociência da aprendizagem que evidencia de forma científica o valor das experiências (percepções) para a formação do conhecimento (ideias), bem como a influência de tais processos na construção de sinapses nervosas e no desenvolvimento adequado dos jovens. Sendo assim, a educação não se trata de um processo meramente abstrato, mas de um complexo processo baseado em experiências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EGLEMAN, David. **Cérebro: uma biografia** / David Eagleman; coordenação de Bruno Fiuza; tradução de Ryta Vinagre – 1º ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

HUME, David, **Tratado da natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais / David Hume; tradução Débora Danowski. – 2.ed. ver. E ampliada. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

JACKSON, F.C. (1986), “What Mary didn’t know”, **Journal of Philosophy** 83: 291-5, 148 (janeiro).

PANTANO, Telma e Zorzi, Jaime Luiz / **Neurociência aplicada à aprendizagem**. – São José dos Campos: Pulso, 2009

RAMACHANDRAN, Vilayanur S., **O que o cérebro tem para contar**. Desvendando os mistérios da natureza humana; tradução Maria Luiza X. de A. Borges Revisão técnica: Edson Amâncio. São Paulo: Editora Unifesp, 2014.